

NEM TODO CARNAVAL TEM SEU FIM

TEXTO **PATRÍCIA GASTMANN** FOTOS **MARCELO GOMES**

A festa popular acontece uma vez por ano, mas dá trabalho o ano inteiro

A bateria dá o ritmo da folia, as fantasias, o encanto, os carros alegóricos, a grandeza, e o sorriso no rosto dos componentes completa a magia do Carnaval. Mas nem só de sorrisos é feita a maior festa popular brasileira. Para chegar até a avenida e cruzá-la com muito samba no pé, é percorrido um longo caminho. Seiscentos componentes, três carros alegóricos e cinquenta minutos para desfilar o trabalho de um ano. Concorrendo pela segunda vez, a escola Estação Primeira de São Léo trouxe em 2009 um enredo sobre a primeira estação de trem do Rio Grande Sul, localizada em São Leopoldo. Conquistou o vice campeonato do Carnaval leopoldense. Mas essa conquista só foi possível pelo trabalho e empenho do pessoal que não usa fantasias, nem pode ao menos sambar no momento do desfile. São eles que fazem o Carnaval acontecer.

Enredo

O primeiro passo para se iniciarem os trabalhos é decidir o enredo, ou seja, o tema que a escola vai mostrar na avenida. A responsabilidade estava nas mãos de Édson Luis Dutra, 19 anos, estudante e carnavalesco da escola. Ele, que sonha em ser jornalista, sempre teve o gosto pela escrita e escrevia roteiros de novela, como passatempo. Tudo começou como uma diversão e depois se tornou coisa séria, lembra ele. Sua história com o Carnaval teve início na infância, quando seu pai ajudou a fundar uma das escolas de samba de São Leopoldo. Em 2008, Édson foi a uma das reuniões da Estação Primeira de São Léo com o seu irmão, que havia desfilado pela escola, e teve, então, a oportunidade de apresentar a sua proposta de

enredo. O projeto feito por Édson consiste em toda parte de pesquisa, e a partir dela é montada a sinopse, que é a história do enredo e o roteiro que a escola vai seguir. Tudo é posto no papel, com direito a capa com símbolo da escola, seguida do texto da sinopse e toda a organização do que vai ser mostrado na avenida, ala por ala, e também nos carros alegóricos. "O meu trabalho é mais a ideia, depois converso com o figurinista e ele coloca as minhas ideias no papel, faz os desenhos das fantasias", explica Édson. O primeiro projeto que ele apresentou à Estação Primeira de São Léo era sobre o rádio. A diretoria elogiou, mas queria falar a respeito da cidade, e surgiu o tema da primeira estação de trem do Rio Grande do Sul, que hoje é o Museu do Trem.

Édson assumiu a responsabilidade sobre o enredo e junto com uma historiadora começou as pesquisas na internet, em livros e revistas e com os funcionários do Museu. A segunda etapa foi "carnavalizar" o tema, que por ser um enredo histórico tem suas particularidades. "Tem que falar dos fatos sem perder o lado lúdico do carnaval, para não ficar monótono", conta Édson. Em maio de 2008, ele já estava com o projeto em mãos, pronto para ser apresentado ao compositor, responsável por fazer o samba-enredo, e o figurinista, encarregado dos desenhos das fantasias. Em agosto estava tudo concluído: os desenhos das fantasias, a decisão de quem iria desfilar na escola como destaque e o samba-enredo. Aí começou a corrida atrás de recursos, patrocínios, apoio e a realização de eventos para conseguir fundos. Além de ter que ir atrás do espaço para fazer os ensaios, pois até então a escola não tinha uma sede.

Após meses de empenho em que Édson dedicava mui-

Com apenas 19 anos, Édson vai para o seu terceiro ano como carnavalesco





O casal Gilberto e Zana trabalha o ano todo confeccionando as fantasias



tas horas do seu dia à escola, chegou o tão esperado dia do desfile, mas Édson não assistiu. O desfile aconteceu no sábado e, na sexta, ele havia embarcado para o Rio de Janeiro. A convite da madrinha, foi assistir ao Carnaval carioca. "Fiquei com peso no coração, mas fui com a consciência tranquila de um trabalho bem feito", ressalta. Para 2010 Édson já tem um enredo pronto, que começou a ser montado em novembro do ano passado, mas faz segredo a respeito do tema. Para 2011 e 2012, diz ter várias ideias, afinal, para ele o Carnaval é uma terapia. "Eu não me estresso no Carnaval, é algo que me renova. É um desafio a cada ano fazer algo diferente, não podendo ser igual ao apresentado no Carnaval passado, nem igual ao que se viu na escola que acabou de desfilar", resume ele.

A rainha

Toda escola tem sua rainha, e o cobiçado posto caiu de parafusos nas mãos de Elisângela Janaína Caetano Macalão, 18 anos, estudante e estagiária em uma empresa de cobrança. Sua história com a escola de samba começou por acaso. Elisângela, em uma noite do mês de dezembro, ao sair do curso que fazia e ir para a parada de ônibus, não resistiu ao som que vinha do barracão da escola, que ficava próximo. "O barulho me chamou e eu fui", diz ela, que entrou na quadra em companhia de uma amiga e desde aquele dia não perdeu mais nenhum ensaio da escola. O convite para fazer parte da corte aconteceu naquela noite mesmo, quando a rainha da bateria disse que ela deveria ser a rainha da escola. Elisângela a princípio hesitou, pois tinha medo que os pais não aprovassem. Mas após ser convidada pela diretoria, que chegou a conversar com a família dela, acabou aceitando o convite e começou a se preparar para a festa. "Eu não tinha noção nenhuma sobre o Carnaval, até agora estou aprendendo", confessa Elisângela, que conhecia a folia de São Leopoldo apenas das arquibancadas.

O samba no pé não foi problema. Apesar de ter que assimilar o ritmo mais agitado, essa parte ela tirou de letra, assim como a simpatia e o sorriso constante no rosto. Manter a pose e estar sempre elegante foi um dos primeiros ensinamentos recebidos, assim como ser gentil, cordial e ouvir as pessoas. Durante o período de Carnaval, Elisângela se dedicava à escola de quinta a domingo, participando dos ensaios e de eventos. "Carnaval é alegria, é um momento que tu tens pra liberar toda tua energia, para colocar os maus pensamentos para fora", define. Neste ano, ela pretende começar a se preparar em julho ou agosto. O Carnaval conquistou mais uma foliã apaixonada.

Fantasia

Entre plumas e paetês, e com a responsabilidade de fazer as fantasias dos destaques da escola Estação Primeira de São Léo, está Rosana Pinheiro Marins, 36 anos, artesã, mais conhecida como Zana. Ela e o marido, Gilberto Edim Marins, 40 anos, trabalham juntos no ateliê do casal, Zmarins. Ele confecciona as armações e ela faz a decoração e revestimento das fantasias. "Ao receber os croquis do figurinista, a gente tenta

tirar do papel, o que é bem difícil", conta Zana. A artesã recebe os croquis com a indicação da cor, mas a escolha do material fica por conta dela e, claro, do orçamento. "Eles sonham e a gente executa o sonho deles", sintetiza. Para o último Carnaval, o casal confeccionou cerca de 14 fantasias para a escola. O trabalho vai desde a produção de cada detalhe de uma peça e continua no dia do desfile, quando ela e o marido ajudam o pessoal a se vestir e a fazer os últimos ajustes. Zana, que sempre gostou de Carnaval e desfilava, hoje acha que vale a pena ficar de fora da folia, pois é gratificante ver seu trabalho na avenida.

Gilberto, torneiro mecânico de profissão, descobriu seu talento através da necessidade. A ala em que ele desfilava precisava de um adereço que era muito caro, então ele foi até a loja onde a peça era vendida, observou, chegou em casa e fez um protótipo. O modelo foi aprovado pela ala e ele, com arames, fez o adereço. A partir desse dia descobriu a arte de fazer alegorias. Durante o período de Carnaval, Gilberto conta que o dia começa às 8h e só termina às 3h do outro dia. O casal contrata reforços para ajudarem no ateliê. Em fevereiro, até os parentes de Zana que vieram do interior para desfilar acabaram colocando a mão na massa e ajudando na confecção das fantasias.

Quatro vidas, quatro histórias e uma razão unindo todas elas. O Carnaval, que é logo associado ao feriado estendido e a folia, também é sinônimo de diversão levada a sério, de fonte de renda, da consagração de um trabalho, de uma nova perspectiva, e claro, de muita dedicação.

IMPRESSÃO DE REPÓRTER

O Carnaval sempre me encantou. Eu me lembro, com carinho, dos confetes, das serpentinas e de todas as personagens que pude viver na minha infância. Por um dia, fui bruxinha, palhacinha e carreguei a frustração de nunca ter sido odaliska. Mas muito mais que encanto, o Carnaval sempre me despertou também curiosidade. Quando vi aquela pauta escrita no quadro, logo pensei: é sobre isso que quero falar! É o que eu chamo de unir o útil ao agradável. O trabalho e todo o esforço para colocar uma escola na avenida já me pareciam um prato cheio para preencher sete mil caracteres, que era o espaço destinado à matéria. Meu objetivo inicial era contar sobre toda a preparação de uma escola para o Carnaval. Ao entrar em contato com as fontes, descobri belos personagens que iriam constituir a base da minha reportagem. As histórias de vida e a ligação que cada um tinha com o Carnaval mexeram comigo. Sinto que dessa forma, além de mostrar os bastidores de uma escola de samba, consegui contar um pouco sobre aqueles que fazem toda a magia ganhar forma.